

AGONIA

Chego.
Espero sentada.
Começo a ficar como sempre.
Olho para a parede e focalizo um buraquinho.

Fico imaginando mil coisas, inclusive como pode uma superfície tão lisa e apenas um pontinho quebrando a harmonia da visão...

Volto novamente à realidade, colocando os olhos no relógio.

Engraçado como somos tão dependentes desta coisa insignificante que nunca pára de atormentar. Deve ser por isso que em nossa vida o tempo não se cansa de passar, mostrando sempre as horas correndo, os dias voando e com eles a própria existência.

Escuto um barulhinho atrás da porta. Imagino que já está chegando a minha vez, outra vez. Afio os ouvidos. Arregalo os olhos. Paro a respiração.

É agora, penso.
Novamente ouço outro barulho, mas nada.

Continuo estática. Agora com as mãos cruzadas sobre as pernas.
Lentamente mexo os olhos e viro o pescoço, adivinhando movimentos do outro lado.

Imagino os aparelhos que compõem o ambiente. Estes aqui são um pouco diferentes dos outros que já frequentei. Tem até fundo musical, (música clássica) para relaxar. Eu adoro ouvir estas músicas, principalmente quando "preciso" me desligar do presente. Às vezes cochilo e podem até fazer o que quiserem comigo; não sinto nada. A viagem é o máximo!

Ah! Mas aquele rosto na minha frente, em um segundo volta à tona e a imagem vai desvanecendo. O suor surge novamente. Desta vez frio, congelados: mãos e pés.

De repente a porta se abre. Alguém diz meu nome e automaticamente me levanto...

Suspiro fundo.
Engulo o eco dos meus pensamentos.
Da boca sai um sorriso amarelo, um quase oi sem som.

Transponho a porta da realidade.
Me ajeito na cadeira e penso: dentes deveriam ser apenas um acessório e não uma necessidade. Assim poderia viver sem eles e me livrar destes terríveis momentos de agonia.

Vanilda Melo
Aluna do Curso de Letras - UNIR